

Lisboa falha maior "bull market" da história

O "bull market" comemorou este fim de semana o seu 10º aniversário. Enquanto o índice norte-americano mais do que quadruplicou de valor, o PSI-20 acumula uma queda de cerca de 10% neste período. Uma fatura passada pela troika e pela crise do BES.



Patrícia Abreu

pabreu@negocios.pt (mailto:pabreu@negocios.pt)

11 de março de 2019 às 07:00

9 de março de 2009. As bolsas norte-americanas batem no fundo. Depois de meses "negros" nos mercados mundiais devido à crise do "subprime", os primeiros sinais de melhoria nas contas dos grandes bancos dos EUA



impulsionam o início daquele que seria o maior "bull market" da história. Dez anos depois, o S&P 500 dispara mais de 300%, mas, ao contrário das restantes praças mundiais, a bolsa de Lisboa continua abaixo dos níveis a que negociava há uma década.

O índice S&P 500 completou este sábado o décimo aniversário daquele que é o maior "bull market" de sempre. Desde que tocou num mínimo histórico, nos 676,53 pontos, o índice mais do que quadruplica de valor, para negociar acima dos 2.770 pontos. Contas feitas, a bolsa dos EUA

dispara mais de 302%, enquanto o europeu Stoxx 600 valoriza cerca de 135%. Ao contrário das principais praças mundiais, que vivem um período de forte crescimento dos retornos, a praça nacional acumula uma desvalorização de 10%.

"A última década traduziu o maior 'bull market' da história, mas infelizmente este período não preconiza motivos para qualquer festejo substancial do principal índice acionista português", realça a equipa de "research" do BiG. Para os especialistas, "na base deste significativo diferencial de comportamento entre a bolsa portuguesa e as congéneres internacionais estiveram sobretudo fatores internos que afetaram o mercado português". Os especialistas lembram ainda que entre 2011 e 2014 "Portugal 'viveu sob a égide da troika'", o que "justificou uma desvalorização massiva dos ativos financeiros em Portugal".

Além do pedido de assistência financeira, em 2011 – a bolsa afundou 27,6% nesse ano – , Portugal viveu uma outra crise, motivada pelo colapso do grupo BES. "Fatores idiossincráticos muito negativos condicionaram o desempenho do próprio índice, dos quais são exemplo o colapso da Portugal Telecom e do BES [em 2014], este último cristalizando uma destruição de valor massiva de todos os títulos do setor financeiro, os quais no passado eram alguns dos principais constituintes da bolsa lisboeta", explica a equipa de "research" do BiG. Apenas em 2014, o PSI-20 afundou perto de 27%.

Pedro Lino, administrador da Dif Broker, também destaca os problemas estruturais que a economia portuguesa enfrentou nos últimos anos como a causa para a divergência face às bolsas mundiais. E o especialista realça que, apesar da recuperação da economia portuguesa, vai ser difícil para a bolsa lisboeta acompanhar o movimento de ganhos internacional.

"Houve uma série de setores que saíram do índice PSI-20 nos últimos anos – a Brisa e a Cimpor saíram – , o que fez com que o índice tenha ficado muito concentrado em cinco empresas", explica Pedro Lino. "O PSI-20 não espelha a diversidade da economia portuguesa. Isso não vai

permitir que Lisboa acompanhe a recuperação dos índices mundiais", remata o especialista.

"Rally" ameaçado?

Enquanto a bolsa nacional enfrentou estes tumultos internos, as praças norte-americanas atravessaram um período dourado. E, apesar do deslize registado no último ano, as ações mantêm a tendência de subida. "Os ganhos foram registados apesar de um ambiente económico e político difícil ao longo da última década", refere David Brett, numa nota publicada no site da Schroders.

A intensificação das tensões comerciais, a expectativa de uma retirada de estímulos e a valorização do dólar determinaram um 2018 negativo para a maioria das classes de ativos. Contudo, as negociações entre os EUA e a China, a par da mudança na política monetária dos grandes bancos centrais veio colocar as bolsas mundiais de novo no rumo dos ganhos. E a expectativa dos especialistas é de que, apesar dos riscos serem maiores, ainda há ganhos a fazer nos mercados acionistas. "Se eu tivesse que fazer uma escolha hoje para uma compra a dez anos de uma obrigação a dez anos ou por comprar o S&P 500 e mantê-lo por dez anos, compraria o S&P num segundo", defendeu recentemente Warren Buffett, numa entrevista à CNBC.

A maioria dos bancos de investimento mundiais têm vindo a adotar uma postura de investimento mais conservadora, face aos riscos que permanecem na economia. Ainda assim, as ações continuam a recolher a preferência. Mas, depois de dois meses de valorizações muito expressivas, o potencial de ganhos é mais limitado.

"Perante uma muito provável desaceleração económica ao longo de 2019, as bolsas deverão ter um espaço limitado para acumular mais ganhos (face aos atuais níveis), até ao fim do ano. Neste contexto, acreditamos que as ações tenham uma evolução heterogénea, com os investidores a privilegiarem empresas com um pendor mais defensivo, fundamentais

mais sólidos (balanço saudável e resiliência de receitas e lucros) e remuneração acionista mais atrativa, pela via de dividendo e/ou planos de recompra de ações.", antecipa o BiG. Pedro Lino também acredita que é possível uma correção a curto prazo, mas a médio prazo a tendência de ganhos tem espaço para continuar, ainda que a um ritmo mais moderado. Já a Amundi prevê que "o humor do mercado continue a oscilar entre o receio e a ganância", movimentos que criam oportunidades para entrar em empresas de maior qualidade, num mundo em que as ações vão continuar a ser os ativos mais rentáveis.